

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Revista Brasileira

Class.:

Data: 11/07/87

Pg.:

MARCIO GOTRIM

Um cacique no jardim

Juruna volta ao cartaz, jornal informa que ele entrou para o clube de ultraleves Brasília e que vem dando preferência a sobrevoados na área do Lago Sul em suas piruetas

Juruna, Juruna... Figura folclórica que em 1981 abriu uma picada — ou melhor, uma clareira — em terras cariocas e logo se transformou no prato predileto da imprensa brasileira. Com tamanha desenvoltura que encantou o eleitorado do Rio de Janeiro e acabou ganhando uma cadeira na Câmara dos Deputados.

O que representava Juruna? A satisfação de uma curiosidade meio mórbida, meio malandragem — e bem carioca — de ver um índio na tribuna do Congresso. Mas que, a sério, significava o acesso, pela primeira vez em nossa história, de uma voz índia ao Parlamento.

Com um atraso de séculos. Sim, pois a comunidade indígena é tão antiga quanto o Brasil — aliás, bem mais velha que ele. Uma raça que certa manhã viu, perplexa, navios chegarem às suas praias e deles descerem uns sujeitos vestidos de roupas e penachos incompreensíveis que logo passaram a maltratá-la metódicamente, em nome de interesses comerciais, agroindustriais, religiosos, nacionais e multinacionais. Agora, ela não ocupa mais que bolsões do território brasileiro, e está em franco processo de extinção.

Dê fato, o homem branco nunca teve condescendência ou tolerância para com essa raça. Considera o índio pouco

mais que um objeto decorativo na paisagem, quando não um estorvo para o aumento de suas terras e a expansão de suas plantações. Todo mundo está cansado de ver, em episódios de invasões de terras indígenas, os narizes torcidos de telespectadores enfatiados que acompanham, pelo noticiário, cenas de tribos sublevadas que pintam os rostos de vermelho e declaram guerra ao invasor — que em geral não tem razões nem documentos a justificar sua ação predatória.

E fica o Presidente da Funai e seus assessores negociando com os revoltosos enquanto a bela Anna Terra, de rostinho também pintadinho, tenta uma ou outra entrevista, em meio a beijos enormes, sons primitivos e ininteligíveis ao microfone, todo um clima patético e a sensação de que subitamente alguém pode ser assado na brasa, varado por uma flecha ou comido vivo ali mesmo.

Isso sem falar na captura de reféns, bloqueio de estradas e pontes e as mortes e ferimentos tão comuns nesses confrontos insensatos.

O Jornal Nacional mostra, todo mundo se vê, mas a distância é tão grande que ninguém se apavora. A disputa acaba sendo negociada, as manchetes desaparecem dos jornais e os brasileiros voltam às suas ocupações normais e se esquecem dos índios, até que eles arranjam nova estripália. Sim, porque é com pólias que são tratados esses assuntos pela opinião pública,

sobretudo pela burguesia, que só reserva ao índio o achincalhe e o deboche.

Pois foi nesse panorama de pouca seriedade em relação ao indígena que surgiu a figura de Juruna. E verdade que ele chegou ao Rio num momento político muito especial: abertura, anistia, volta de Brizola ao Brasil, eleição direta para governador depois de tantos anos, uma imensa vontade de contestar o que estava aí, tudo temperado pela irreverência do espírito carioca, absolutamente delicioso ao escutar as coisas incríveis que saíam da boca daquele índio lustroso, roloço e indignado: suas ferozes imprecizações contra magnatas, atravessadores, exploradores, banqueiros e tubarões. E elas tinham não só uma sinceridade transbordante e veemente, mas também cheiro de chão, de terra, de natureza, de verdade.

Juruna que até os 19 anos nunca tinha visto um homem branco, Juruna eleito aos 40 anos, Juruna em Brasília, Juruna desconfiado passando a usar gravador a tiracolo para documentar o que lhe era dito e prometido, Juruna ocupando dois apartamentos para acomodar sua grande tribo de mulheres e filhos, Juruna fazendo churrasco na janela, esfumaçando o prédio inteiro e levando os vizinhos ao desespero, Juruna comendo nos melhores restaurantes de Brasília e mandando a conta para a Câmara, Juruna envolvido com dinheiros de Maluf e Calim Eid, Juruna brabo defendendo e atacando, Juruna

polêmico, Juruna de imagem esmaecida e rala, Juruna candidato derrotado em 1986, Juruna de estrela apagada.

O cidadão ingênuo, quase criança, estragado pela sociedade, um inocente deslumbrado pelos luxos e tentações da Capital e por elas levado de roldão, se recolhe. Não voltará mais à sua tribo, contaminou-se, apaixonou-se pela cidade grande, não tem mais condições de voltar a comer raízes com as mãos, ele que já sabe como é melhor uma requintada refeição no Gaf.

Tentou emprego na Funai, não conseguiu. Foi, afinal, contratado por uma firma, onde é hoje assessor e ganha um salário nada mirabolante que lhe permita gestos de primadona da selva brasileira. Vive frugalmente e se dá a poucos exageros, um dos quais essa estória do clube de ultraleve.

Como em sua cabeça, tenho certeza, continua a convicção de que a terra não deve ter dono e como seu espaço predileto são as terras do Lago Sul — habitadas ou não, já se vê —, imagino que nosso prezado cacique, numa bela manhã de sol, resolva aterrissar num jardim que mais lhe apeteça.

Pode ser o meu jardim, tão bem cuidado que ele está — e por que não?

Será, com certeza, a primeira vez em que um cacique chegará a um terreno estranho pilotando um ultraleve. Pois fique sabendo que, se isso vier a acontecer, você será bem-vindo, caro Juruna.